

DOSSIÊ

O HORIZONTE COMUNICATIVO DA MIGRAÇÃO
VENEZUELANA NA CIDADE DE BOA VISTA - RORAIMA

Resumo

A cidade informa. Esta afirmação que está no centro da escrita do presente artigo é direcionada para refletir o processo migratório de venezuelanos para o Brasil, no cenário de Boa Vista, capital de Roraima. A abordagem se baseia em duas questões fundamentais: o que os estímulos visuais da cidade comunicam? E como os migrantes venezuelanos constroem e significam essa experiência em ruas, esquinas, praças e outros espaços públicos? Sob a forma caminante, organizam-se as apropriações simbólicas entre o que diz o olhar mais panorâmico sobre a urbe e as narrativas dos migrantes. Um campo analítico, baseado em algumas situações concretas, onde a percepção visual e a vivência dos sujeitos se amalgamam na elaboração de uma interpretação possível a partir desses fluxos e tensões culturais.

Palavras-chave: migração; comunicação urbana; Boa Vista.

Resumen

La ciudad informa. Esta afirmación que está en el centro de la escritura del presente artículo está dirigida a reflejar el proceso migratorio de venezolanos hacia Brasil, en el escenario de Boa Vista, capital de Roraima. El enfoque se basa en dos cuestiones fundamentales: ¿qué comunican los estímulos visuales de la ciudad? ¿Y cómo los migrantes venezolanos construyen y significan esa experiencia en calles, esquinas, plazas y otros espacios públicos? Bajo la forma caminante, se organizan las apropiaciones simbólicas entre lo que dice la mirada más panorámica sobre la urbe y las narrativas de los migrantes. Un campo analítico, basado en algunas situaciones concretas, donde la percepción visual y la vivencia de los sujetos se amalgaman en la elaboración de una interpretación posible a partir de esos flujos y tensiones culturales.

Palabras clave: migración; comunicación urbana; Boa Vista.

* Professora adjunta do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: vangela.morais@ufr.br

** Docente do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Estácio da Amazônia. E-mail: damiao.lima@estacio.br

INTRODUÇÃO

Existem diferentes formas de ler a cidade, mas na partilha trivial, os seus residentes deixam de evidenciar alguns aspectos, internalizam suas formas, trajetos, dispostivos e, impulsionados pelos ritmos e práticas cotidianas, embotam suas vistas.

A presença migratória de venezuelanos alterou essa ordem do olhar em Boa Vista, capital de Roraima. O estado é a parte do território brasileiro que faz fronteira com dois países latino-americanos, a Guiana e a Venezuela. Nos principais corredores da cidade, no ano de 2015, as vestes coloridas das indígenas da etnia Warao¹ acenderam as interações comunicativas no espaço público urbano, entre expressões de acolhimento e de rejeição.

Essa perspectiva mais dilatada de comunicação se projetou ainda mais com a chegada de outros grupos não indígenas e a intensificação, desde final de 2016, desse processo.² A profusão dos novos signos em circulação passou a ser percebida na caminhada matinal, nos afazeres cotidianos, nos passeios pela cidade e, em muitos momentos, pela perspectiva efêmera das janelas dos automóveis.

São venezuelanos que miraram o Brasil como lugar de destino, impelidos pela urgência humanitária em sobreviver, mediante a escassez de alimentos e remédios, a inflação estratosférica e a insegurança que solapam o país vizinho. Este fenômeno tem se configurado o processo migratório mais representativo no Brasil, considerando a quantidade de solicitação de refúgio. Do total de 79 mil solicitações oriundas de diferentes nacionalidades no período de 2015 a 2018, a Venezuela representa 77% dos pedidos dirigidos ao Comitê Nacional para Refugiados (Conare).³ Nesse contexto, Roraima assume a disparada liderança em requerimentos de refúgio.

Com isso, os imigrantes venezuelanos deram à cidade diferentes protocolos de comunicação, por meio da presença marcante dessas pessoas em vias públicas, a polifonia no encontro de idiomas e seus diferentes sotaques, os intercursos sofridos de rejeição e xenofobia, os modos de resistir e lutar por uma oportunidade de inserção social, especialmente pela via do trabalho e acesso aos serviços institucionais.

Diante disso, o objetivo dessa abordagem é promover uma aproximação reflexiva sobre as faces de Boa Vista a comunicar um modo particular de expressão do fe-

1 O grupo étnico Warao constitui um dos povos mais antigos da região Delta do Orinoco, nordeste da Venezuela.

2 O arrefecimento do fluxo migratório se deu entre 21 de fevereiro a 10 de maio de 2019, período em que a fronteira permaneceu fechada, por decisão do presidente venezuelano Nicolás Maduro, em retaliação à decisão do governo brasileiro de apoiar o que ficou conhecido na mídia como “ajuda humanitária”, coordenada pelos Estados Unidos.

3 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-crise-humanitaria-na-venezuela-pedidos-de-refugio-no-brasil-beiram-os-80-mil-numero-saltou-em-tres-anos-23598187>. Acesso em: 14 mai 2019.

nômeno migratório internacional, unindo as características visuais e dispersas dessa fisionomia urbana com as narrativas particulares de alguns imigrantes.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci, em sua obra “A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana”, apresenta a cidade de São Paulo na década de 1980 como um arranjo complexo de diferentes sons, onde a comunicação urbana se estabelece nas relações sociais e culturais que enseja. Em alguns pontos, a compreensão das experiências contemporâneas vivenciadas em Boa Vista com a migração venezuelana indica a polifonia caracterizada pelo autor.

[...] significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam (CANEVACCI, 1997, p. 17)

Todavia, reconhece-se, de antemão, os desafios que cercam a tarefa de compreender, em pleno curso do processo e nele imerso, um viés do que está acontecendo. Longe da expectativa de encerrar diagnósticos, o presente texto forja-se na descrição e análise de elementos visuais que dinamizam a cidade associados a notas cotidianas das experiências desencadeadas pela diáspora venezuelana em Boa Vista. Para tanto, é indispensável o auxílio de enfoques de natureza multidisciplinar, com destaque para os estudos da comunicação.

1. NA ROTA BRASIL: O FLUXO MIGRATÓRIO VENEZUELANO EM RORAIMA

O estado de Roraima, tomando em conta a sua posição geográfica, torna-se, nesse processo de dispersão dos venezuelanos para outros países, a principal porta de acesso ao Brasil. A fronteira seca demarca fisicamente o município venezuelano de Santa Elena de Uairén e Pacaraima, sede do município indígena do lado brasileiro.

A forma de entrar no país por Roraima expõe os sacrifícios de algumas situações vivenciadas pelo migrante venezuelano. Os que chegam à fronteira sem recursos para pagar transportes, valem-se de caronas ou enfrentam a pé o percurso de 215 km entre Pacaraima e a capital de Roraima, Boa Vista. Esta caminhada pode durar até dez dias.⁴

Roraima é o estado com a menor densidade demográfica do Brasil, com 2,01 habitantes por quilômetro quadrado. Todavia, conforme estimativas divulgadas pelo

4 Disponível em <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/rota-da-fome-o-caminho-dos-venezuelanos-que-enfrentam-perigo-falta-de-comida-e-de-agua-para-chegar-a-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 15 abr 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2017 para 2018, o estado teve o maior crescimento demográfico do país. Com o acréscimo de 10,31% da população, Roraima totaliza 576.568 habitantes. No mesmo levantamento, o município de Pacaraima e a capital Boa Vista também se destacam pelo crescimento demográfico. Esses dados estão diretamente relacionados ao processo de intensificação da migração venezuelana. A prefeitura de Boa Vista estima a presença de mais de 40 mil venezuelanos na cidade.⁵

As construções dos relatos a seguir obedecem duas orientações metodológicas de partida: a forma caminhante das narrativas elaboradas no encontro entre os observadores e os migrantes e o desafio ambivalente de pensar dentro e fora da cidade, ou como sugere Canevacci (1997), realizar a imersão e o “saltar da cidade” para, nesse ritmo controverso, procurar os sentidos do urbano nos sujeitos centrais do processo migratório, os venezuelanos em Boa Vista.

2. (RE)NASCE ABRAÃO

Um dos traços dessa experiência de utilização dos espaços públicos da cidade, numa teia de lugares e relações, é a forma encontrada pelos migrantes venezuelanos de dizerem que necessitam de trabalho e de estabelecerem contato com o outro. São concisos anúncios escritos em pedaços de papelão onde se ler, na fadiga da espera, os serviços de pedreiro, jardineiro, eletricitista e faxineira, dentre outros.

A estética diferenciada e a forma criativa do anúncio se somam ao estado de vulnerabilidade dos seus portadores, um tanto deles posicionados em praças, semáforos, nas portas dos estabelecimentos comerciais, canteiros centrais e esquinas das vias mais movimentadas de Boa Vista. A mensagem em papelão também revela relativa dificuldade com a língua portuguesa. Mas os deslizos de fricção cultural com a ortografia não chegam a comprometer a comunicação com os passantes.

Com o desenvolvimento dos processos de interação, alguns migrantes passaram a buscar trabalho utilizando-se de aplicativos de mensagens pelo celular. Foi por essa via que obtivemos nosso primeiro contato com Yorgelis.⁶ A jovem venezuelana é mãe de três filhos e veio sozinha para o Brasil em 2017. Em seu primeiro mês de permanência na nova nação, ela conta que morou nas ruas de Boa Vista e chegou a ocupar durante a noite, um dos cômodos do antigo e abandonado Teatro Carlos

5 Disponível em <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/prefeitura-decreta-emergencia-social-em-boa-vista-em-razao-da-imigracao-de-venezuelanos.ghtml>. Acesso em: 10 mai de 2019.

6 Optou-se pelo uso de pseudônimos neste artigo, uma vez que assim se evita vincular o migrante venezuelano e sua narrativa ao estado de vulnerabilidade que a situação momentaneamente oferece.

Gomes, no centro da cidade. Yorgelis trabalha como faxineira e já conseguiu reunir parte de sua família em Roraima. Todos têm, mesmo que precariamente, uma casa para morar.

Em nosso contato naquela manhã de sábado, a faxina realizada por ela foi mediada pela alegria em nos contar sobre o nascimento do seu sobrinho na única maternidade pública de Roraima, situada na capital. E sintetizou com ênfase: “Él es un brasileño”. Perguntamos o nome da criança que acabara de nascer: “El nombre es Abraham”, respondeu-nos. A inspiração vem de Abraão do antigo testamento da Bíblia? Quisemos saber. “Sí, sí!”, concordou com pressa.

A licença interpretativa leva-nos a dizer que não soava na escolha do nome da criança somente um gosto, uma sonoridade. Mas uma espécie de DNA teológico e histórico a acolher esperanças baseada num forte cruzamento entre a cosmovisão cristã da família, de filiação evangélica, e as condições de vida na Venezuela a impor-lhes um deslocamento de sua nação em direção a algo que creem ser melhor e divinamente prometido.

A metáfora Abraão (em hebraico “pai de muitos”) - tendo sido a ele atribuído o papel de patriarca de grandes religiões universais - guarda o sentido da viagem, do deslocamento, do êxodo, base preliminar a assentar os processos migratórios em uma das simbologias mais antigas da humanidade, pela narrativa bíblica.

A considerar o relato de Yorgelis e as subjetividades que reelaboram a nova terra e a cidade que passaram a habitar, as dimensões religiosas que se unem a essa experiência migratória alimentam a mobilidade e a esperança. Não parece ser desproporcional pensar que, em alguns casos concretos, esses indicadores de crença ajudem a compreender a resistência e a tenacidade no enfrentamento diário de uma série de delicadas situações, tais como: o afastamento de seus parentes e a ruptura com o cotidiano conhecido, o desamparo psíquico, os estranhamentos culturais, as dificuldades de comunicação pelo manejo com a língua portuguesa, a privação de recursos financeiros, a xenofobia e o elevado grau de incertezas sobre o futuro.

3. O QUE HABLA A CIDADE

Boa Vista concentra o maior número da população de Roraima, com cerca de dois terços dos habitantes do estado. A cidade é o principal destino dos imigrantes que acessam o Brasil por via terrestre. Assim como o estado, sua capital é fortemente constituída por práticas migratórias internas, com habitantes oriundos de todas as regiões do Brasil, especialmente nortistas e nordestinos. Todavia, o fenômeno da expressiva migração internacional é um fato especialmente novo.

Segundo Rodrigues (2006), em pesquisa sobre migração transfronteiriça, o trânsito maior de mobilidade era de brasileiros para a Venezuela. Um fluxo que considerava a possível atuação de brasileiros nas atividades de “[...] mineração, no comércio local e no setor de transportes, além das atividades ilegais, como tráfico de mulheres, contrabando de combustível, câmbio ilegal de moeda”⁷.

Nessa inversão dos deslocamentos, o processo de chegada dos venezuelanos demonstra o caráter reativo da sociedade local e uma demorada resposta dos poderes públicos constituídos. Enquanto isso, a cidade fala sobre a presença desses novos atores sociais no seu cotidiano, de modo especial pelas vias públicas, estabelecimentos comerciais e serviços institucionais: desde a formação de longas filas na sede da polícia federal para dar entrada na documentação brasileira, em alguns postos de trabalho, nas escolas, hospitais, praças e esquinas, nos abrigos improvisados sob a sombra rarefeita de árvores nos canteiros centrais, em vendas informais de produtos e na limpeza dos para-brisas de carros nos semáforos, na ocupação de áreas da cidade por profissionais do sexo e até em situação de mendicância.

Essa percepção panorâmica nos comunica simultaneamente a omissão dos entes políticos e administrativos da cidade, do estado e do país e as dificuldades de articulação de estratégias de acolhimento e inserção social dos imigrantes venezuelanos. O governo brasileiro somente passou a dar sinais de maior presente a partir da criação da denominada “força tarefa” no primeiro semestre de 2018, sob a coordenação das Forças Armadas e a colaboração de várias organizações não-internacionais, com a atuação expressiva do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

Para além da comisseração com o sofrimento dos migrantes, onde voluntários e representantes da sociedade civil buscam, em vários pontos da cidade, amenizar as necessidades dessas pessoas, uma onda xenofóbica avança sobre esse cenário. São discursos de intolerância e ódio que circulam principalmente pelas redes sociais, por vezes em ressonância à cobertura midiática, com acelerado espalhamento pelos numerosos grupos de aplicativos de mensagens.

O conteúdo dessas mensagens se apresenta, basicamente, em cinco linhas de interpretação que são interdependentes nesse esforço em rechaçar os imigrantes: uma reclamação do comprometimento estético da cidade, agora “poluída” pelos cenários da miséria humana; a ideia de que os serviços institucionais de saúde e educação estariam com capacidade esgotada de atendimento por conta do fenômeno migratório; a ameaça aos brasileiros pela “tomada” de postos de trabalhos, aumentando

7 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200015. Acesso em: 29 mar de 2018.

o desemprego entre os nacionais; os riscos alardeados pela reaparecimento de casos de sarampo e o aumento dos casos de malária e HIV no Brasil, numa perspectiva de culpabilidade do imigrante venezuelano; e principalmente, mensagens que vinculam a presença dos venezuelanos com o crescimento da violência urbana.

O medo e o preconceito, continuamente ressignificados por esses dispositivos midiáticos, alimentam em circularidade permanente de produção e recepção das mensagens as ações xenofóbicas na cidade. A exemplo de uma explosão deliberada em uma residência, em fevereiro de 2018, onde estavam famílias venezuelanas, causando queimaduras graves em alguns moradores, inclusive atingindo uma criança.⁸

No mês seguinte, após uma briga que resultou nos assassinatos de um brasileiro e de um venezuelano na cidade de Mucajaí, a 53 Km de Boa Vista, moradores daquele município expulsaram os venezuelanos de um abrigo, queimaram os seus pertences e fecharam a rodovia em protesto. Esse clima de repulsa se ramificou inspirando manifestações em outras cidades, organizadas a partir das redes sociais, objetivando afugentar a presença dos imigrantes também na capital.

Uma dessas manifestações para pedir o fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela ocorreu nas proximidades da praça Simón Bolívar, zona oeste da capital, local onde viviam mais de mil migrantes, acomodados precariamente sob barracas ou camas de papelão, até o dia 31 de março de 2018. Nessa data, a Prefeitura de Boa Vista interditou a praça com o argumento de realizar uma reforma que precedia invariavelmente da retirada dos migrantes venezuelanos do logradouro público.⁹ No contexto do protesto de brasileiro naquelas imediações ou no cenário dos tapumes que isolam a espaço, o nome da praça reverbera contraditórias memórias. Simón Bolívar foi um líder militar e político que atuou de forma decisiva nas revoluções em favor da independência de vários países da América Espanhola, a começar por seu próprio país, a Venezuela. O símbolo da liberdade do século XIX dramaticamente se atualiza com o êxodo recente dos seus compatriotas num logradouro da cidade de Boa Vista.

Na esteira desse ato de salvaguardar a cidade de problemas estéticos e de segurança, a interpretação trazida pelo antropólogo colombiano e pesquisador da comunicação na América Latina, Jesús Martín-Barbero (1998, p. 5), reflete os processos

8 Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/loraima/noticia/video-mostra-homem-causando-explosao-com-gasolina-em-casa-onde-vivem-31-venezuelanos-em-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 24 mar de 2019.

9 A obra de manutenção na praça Simon Bolivar demorou nove meses. Uma das mudanças mais observadas foi a inclusão de grades de ferro no seu entorno, além da determinação da prefeitura de que o espaço público fosse fechado durante a noite.

urbanos como processos de comunicação, onde os “meios têm se convertido em parte constitutiva do tecido urbano, mas também pensar como os medos têm sido incorporados ultimamente nos novos processos de comunicação”.

Essa relação entre meios e medos no cenário das cidades e que se aplica em muito ao contexto de movimentos migratórios, é trazido pelo autor como resultado de uma nova configuração do espaço público, das transformações nos modos urbanos de comunicação. “[...] as mudanças no espaço público, nas relações entre o público e o privado, que produzem uma ‘nova cidade’ feita cada dia mais de fluxos, de circulação e informações, mas que são cada vez menos de encontro e comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 5).

Assim, além de destacar esse aspecto da sociedade contemporânea em que os encontros são frequentemente intermediados pela mídia, resguardados no espaço do privado, Jesús Martín-Barbero se volta a considerar o medo como indicador de erosão das socialidades. Para ele, o medo não pode ser refletido unicamente pelos índices de violência, criminalidade e insegurança nas cidades. “Pois os medos são chaves dos novos modos de habitar e de comunicar, são expressão de uma angústia mais profunda, de uma angústia cultural” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 5).

Para explicitar os termos desse estado de angústia, o autor enumera três principais fatores: a perda do enraizamento coletivo nas cidades, onde o urbanismo se apoia em outra lógica, de ênfase formal e comercial, ao tempo em que se compromete a paisagem de familiaridade de suporte à memória coletiva; em segundo lugar, a angústia é produzida pelo modo como a cidade normaliza as diferenças, uma vez que a sua homogeneização também compromete as expressões das identidades coletivas; e a angústia oriunda da ordenação da cidade, que mesmo precária é eficaz. Uma ordem, segundo Martín-Barbero, construída sobre as bases da incerteza que produz o contato com o outro, pela desconfiança com aquele que passa ao nosso lado na rua.

E eu me pergunto se esse outro, convertido cotidianamente em ameaça, não tem muito a ver com o que está acontecendo com a nossa cultura política, com o crescimento da intolerância, com a impossibilidade desse pacto social de que tanto se fala, isto é, com a dificuldade de reconhecer-me na diferença do que o outro pensa, no que o outro gosta e no que o outro tem como horizonte vital, estético ou político (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 5-6).

Todavia, há outras cenas nesse processo migratório venezuelano para o Brasil que não se apoiam sobre o medo, e sim, na capacidade de destacar outros sentidos positivos e possibilitados pelos fluxos e trocas, configurando formas de resistir e de propor importantes mudanças. Como assinala Nestor Garcia Canclini (2013, p. 16), as fronteiras não somente separam um território nacional de outro. As fronteiras “[...] también pueden ser zonas de intercambio y solidaridad”.

A promoção de uma agenda cultural na cidade de Boa Vista tem se tornado recorrente, notadamente pela apresentação de bandas musicais do país vizinho; exposições de artesanato de etnias indígenas venezuelanas; a crescente oferta na cidade de uma gastronomia típica; o contato cotidiano com outro idioma/dialetos e os acréscimos linguísticos e culturais dessa polifonia; enfim, um conjunto de ações que se fundam sobre a égide de novos movimentos urbanos, a misturar a experiência cotidiana e a engendrar formas próprias de comunicação.

Sobre os movimentos com essa fisionomia, Jesús Martín-Barbero atribui a capacidade de darem “forma a tudo aquilo que uma racionalidade política que se achou toda poderosa na compreensão da conflitividade social, não está sendo capaz de representar hoje” (1998, p. 8). O reordenamento em termos culturais do processo migratório venezuelano, como cena cotidiana da cidade, mobiliza outras subjetividades e imaginários, criando uma moldura social de “re-territorialização das lutas”, por meio das diferenças comunicadas em outros campos de ações. Uma voz que concorre, ainda desproporcionalmente, com a sonoridade da grita xenofóbica. Mas uma voz.

Assim, a luta contra a injustiça é por sua vez a luta contra a discriminação e as diversas formas de exclusão, que é afinal, a construção de um novo exercício da cidadania, que torna possível a cada homem reconhecer-se nos outros, condição indispensável da comunicação e única forma ‘civil’ de vencer o medo (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 9).

4. A CASA: IMAGENS DE ENRAIZAMENTOS EM OUTRO “CANTO DO MUNDO”

O filósofo e poeta Gaston Bachelard ilumina as complexidades em torno da virtude primeira de habitar. Mesmos que seus escritos sobre a casa não tenham se voltado a refletir a ótica circunstanciada dos imigrantes, diante da perspectiva da moradia como um cosmo, o nosso lugar e vínculo no universo, sua obra é presente e atuante como forma de compreender especificidades nos processos de mobilidade humana e suas narrativas.

Na travessia das fronteiras, o imaginário, a memória e as imagens se associam às diferentes maneiras de habitar no país estrangeiro, signos a comunicar de forma, quase sempre aguda, as rupturas que se instauram num processo migratório de causa humanitária, desencadeado por situações adversas e indesejáveis.

A casa dos venezuelanos no Brasil, a partir do cenário da capital de Roraima, geralmente, tem a medida da urgência, movida pelo desejo de aqui chegar. Nessa perspectiva mais panorâmica, a cidade é a casa, num ajustamento possível entre as

necessidades essenciais dos imigrantes e os dispositivos da urbe. Nesse formato, os venezuelanos vivem em condições de rua ou ocupam espaços desativados.¹⁰

Outra forma de habitar dos imigrantes na cidade de Boa Vista, tem sido os abrigos públicos. No momento, são doze estruturas na capital. Outros padrões que já indicam um relativo grau de inserção na sociedade local são as casas cedidas por brasileiros, o acolhimento direto em suas próprias residências, habitações alugadas pelos imigrantes, em formatos de famílias nucleares ou mesmo em modelos mais coletivos, provocados pela necessidade de rateio das despesas.

Buscamos nesse cenário elástico algumas frestas como estratégia de aproximação dessas moradas e seus sentidos, por meio de observações de duas situações concretas. Em comum, as experiências da casa em outro “canto do mundo” partilham o imaginário de que “as moradias do passado são em nós imperecíveis” (BACHELARD, 2005, p. 26).

A primeira situação observada de morada deu-se na praça de um dos bairros nobres de Boa Vista. O casal Daniela e Jose, provenientes de Caracas, chegaram à cidade brasileira com a prioridade de reunir algum recurso para enviar aos filhos, a fim de repor emergencialmente a necessidade alimentar dos que deixaram na Venezuela. Submetidos a incerteza da oportunidade de trabalho, quase sempre sob a forma temporária (bicos), não restou recursos para o aluguel de um imóvel. A casa foi a praça e nela, Daniela e Jose passaram a ocupar durante a noite uma guarita da guarda municipal, pela aparência, desativada.

Ela, enfermeira, e ele do ramo de restaurante. Em nosso primeiro contato, Daniela recordou os filhos e a sua casa na Venezuela, um vínculo inevitavelmente associado à sua desguarnecida condição no Brasil. Essa lembrança acionou afetividades e emoções. De ímpeto, disse: “Necesito ser fuerte.”

Além de nos mostrar algumas fotografias, um comportamento comum verificando junto a outros imigrantes, talvez como forma de reiterar elos com suas experiências anteriores, o cotidiano de suas relações e suas moradas, Daniela destacou como marca da experiência na praça, o sentimento da desproteção.

Durante o dia, os signos visuais se contrapõem a intimidade representativa do lar. São bancos, calçadas e corredores, luminárias, árvores, quadras de esportes e lanchonetes. À noite, a praça torna-se mais movimentada, e os elementos visuais externos comunicam diversão, principalmente para os jovens. É frequente a formação de pequenos grupos que utilizam o local para o consumo de bebidas alcoólicas e a

10 Disponível em <https://g1.globo.com/tr/roraima/noticia/desempregados-e-sem-teto-venezuelanos-ocupam-predios-publicos-abandonados-em-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 29 mar de 2018.

escuta de sons amplificados. Cada grupo tem um estilo musical próprio e a proximidade dessas mixagens cria ruídos já reclamados na imprensa pelos habitantes da região, antes mesmo da chegada dos moradores venezuelanos. No dia seguinte, os migrantes limpam a sujeira deixada para trás. “Aqui es donde vivimos. Debemos velar y agradecer”. Complementa Daniela.

Por certo, a casa na praça se distancia dos valores de intimidade, proteção e acolhimento, uma constatação inspirada na forma como Bachelard qualifica a habitação, a concha, na ordem do vivido.

[...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem [...] A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma (BACHELARD, 2005, p. 26).

Mesmo com a solidariedade de alguns brasileiros, o sentimento é de que, nesse abrigo circunstancial, Daniela e Jose foram “atirados ao mundo”. Os dispositivos que aprofundam esse sentimento são exatamente a memória e a imaginação de quem já viveu as virtudes desse vínculo com sua própria casa.¹¹

A segunda situação também se refere às formas de habitar ou, mais precisamente, às formas de acionar imaginários que recuperem a noção de casa. No entroncamento entre os bairros dos Estados e Paraviana, zona leste e norte da cidade de Boa Vista respectivamente, um grupo de venezuelanos, sob a sombra de árvores, evocam referenciais de uma morada; a intervenção pode ser tanto uma maneira distinta de representar as suas presenças no circuito urbano, quanto uma síntese da memória e imaginação sobre as casas de suas histórias.

Alguns aspectos são sugestivos dessas “paredes imaginadas” e das transformações que operam no espaço: a limpeza parcial do terreno no entorno das árvores; uma cadeira plástica, sacolas e mochilas penduradas pelos galhos e um quadro (afixado em uma árvore) que retrata uma paisagem urbana, marcada por um conjunto de casarões.

¹¹ No início de 2018, Daniela e Jose conseguiram acolhida num projeto vinculado a uma igreja cristã e moraram em seu pátio por aproximadamente três meses. Na atualidade, vivem com os filhos em casa alugada no bairro Cauamé, zona norte, e dividem as despesas com outros integrantes da família que passaram a morar no Brasil.



Ilustração 1: Instalação usada por migrantes venezuelanos no entrocamento de avenidas que ligam os bairros dos Estados e Paraviana, em Boa Vista – Roraima, em 2018. Fotografia: Vângela Morais.

Infere-se ser a instalação da casa um campo semântico, eminentemente informativo, uma maneira diferenciada de trabalhadores venezuelanos dialogaram com as pessoas que transitam pelo local, oferecendo seus serviços. Outro enunciado interpretativo dessa mesma inscrição no espaço da cidade sugere haver o que Bachellard (1978) denomina de interpenetração das diversas moradas de nossas vidas, a ação dos referenciais e das reminiscências que conduzem à reconfiguração atual dos registros do que é uma casa, em nós.

O pequeno grupo apenas ocupa esse espaço em alguns momentos durante o dia.¹² O que se ler e traduz é uma mensagem profundamente conflitiva e em choque com os nossos próprios referenciais.

Bem perto dali outros grupos de venezuelanos se posicionam nas esquinas e em outras sombras de árvores também com o propósito de, no fluxo de carros, conseguir o aceno de motoristas que demandem serviços temporários, quase sempre em limpezas de terrenos, pinturas de imóveis e jardinagem. Essas pessoas criam uma rotina espacial como forma de serem localizadas novamente. Há uma ordem elementar negociada entre eles, uma classificação em que os que chegam mais cedo ao ponto são os primeiros a responder às eventuais solicitações de serviços. Soubemos de um

¹² Optamos em fazer o registro fotográfico em uma dessas ausências, em fevereiro de 2018. Hoje, o ponto ainda existe e os migrantes seguem ocupando estrategicamente este espaço. Mas o quadro na árvore já não há mais.

deles, que a sua chegada à esquina ocorre por volta de 1h30 da madrugada. Interrogamos como ele sabia precisar o horário já que alguns não dispõem de celulares e relógios. A tradução dos signos públicos da cidade, a sua estrutura e o olhar de quem vive a céu aberto oferecem a resposta: “Observo cuando el avión pasa a Manaus”.

Nesse contexto de práticas de ocupação urbana, as localizações dos trabalhadores venezuelanos em Boa Vista são estratégicas. Como assevera o sociólogo Pierre Bourdieu (2008, p. 229) são “[...] lugares a defender e conquistar em um campo de lutas”. Esse recorte reitera a inteligibilidade sobre a tentativa de aproximação com o real da “casa” entre árvores, descrita anteriormente. O “corte radical” das convenções, onde muitos buscam o mesmo (oportunidade de trabalho), pode exprimir certa distinção, aguçar a percepção da diferença, marcar o extraordinário no ordinário.

Muito embora Bourdieu reflita sobre outra realidade social, a “casa” imaginada pelos venezuelanos em um ponto da cidade não é um enunciado neutro. Comunica, promove trocas culturais e elabora uma intenção estética emaranhada a outros grupos de compatriotas. Mesmo que muitos estejam imersos em situações de vulnerabilidade social, os deslocamentos culturais sublinham diferenças, deslocam o fixo, alteram um status, na situação particular, pela maneira de engendrar um senso estético e promover uma comunicação com os moradores da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Boa Vista como palco de comunicação no processo migratório venezuelano emite um conjunto fragmentado de mensagens e uma pluralidade de sentidos. As vias largas centrais, os monumentos, as residências, as instituições públicas, os logradouros, o comércio, a rodoviária e aeroporto, o tráfego, os abrigos, enfim, os signos da urbe se alteram com o fenômeno migratório. Todavia, a comunicação se sobressai ainda mais porque a cidade é permeada de pessoas. É preciso estabelecer conexões com as representações elaboradas pelos sujeitos que nela vivem ou que para ela olham. Ou como destaca Canevacci, neste cenário é preciso considerar “[...] outras coexistentes que se misturam, se unem e se separam entre si” (1997, p.37).

No caso do presente estudo, optamos por ter em conta os significados construídos a partir do diálogo cotidiano estabelecido com o próprio migrante em torno das circunstâncias vivenciadas por esse sujeito central. O que esse recorte de análise nos proporcionou foi um apanhado de situações que tanta acusam o estado de vulnerabilidade quanto a resistência dos migrantes venezuelanos, em momentos de apropriação da cidade pela recondução constante dos sentidos. Logo, o que se demonstra de mais relevante nesse breve estudo é a condição cidadã do migrante ser, ele mesmo, um tradutor desse processo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, B. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: RS: Zouk, 2008.

CANCLINI, N. G. *Las fronteras dentro de los países, las naciones fuera de su territorio*. Março de 2013. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/download/.../61371> Acesso em 12 mai de 2018.

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Nobel, 2004.

CERTEAU, M. de, GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HALL, S. (2003). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília; Representação da UNESCO no Brasil.

HANNERZ, U. (1997, abril). *Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional*. Mana, vol.3, n.1. Rio de Janeiro.

MARTÍN-BARBERO, J. *Entre meios e medos*. São Paulo: ECA/USP, Revista Novos Olhares, Número 1, primeiro semestre de 1998. Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos.

_____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

RODRIGUES, F. (2006, maio, agosto). *Migração transfronteiriça na Venezuela*. Estudos Avançados, S. Paulo: USP, vol. 20, n. 57, p. 197-207.